

Os diversos intercâmbios na Companhia

Padre Fernando QUINTANO, c.m.
Diretor Geral

Introdução

Várias Irmãs e alguns Diretores Provinciais consideraram oportuno que eu escrevesse algo sobre este tema. Nesse pedido está subjacente uma dupla constatação: as Irmãs sentem necessidade de uma maior e melhor comunicação na vida comunitária, e por isso, lamentam o abandono ou a pouca vitalidade que muitas vezes existe nos diversos intercâmbios em suas respectivas comunidades.

A primeira intenção deste artigo é tentar resgatar e revitalizar os dinamismos comunitários propostos pelas Constituições e Estatutos¹. Todos eles são meios para favorecer a comunicação nos diversos níveis que inclui uma vida fraterna em comunidade.

Mas antes de tratar cada um dos diversos intercâmbios (comunicação da fé, revisão da vida comunitária, reflexão apostólica, caridade espiritual... etc.), convém fazer algumas breves reflexões sobre outros temas intimamente relacionados com estes sem os quais faltaria a base sólida que os sustenta e reclama. Portanto, antes de abordá-los, é importante refletir sobre a vida fraterna em comum, sobre a importância da comunicação e do diálogo para construir a comunidade, sobre as atitudes necessárias para que uma autêntica comunicação interpessoal seja possível, nos diversos níveis que envolvem as comunidades de vida consagrada. Tudo isto constitui a tela de fundo, o quadro

¹ As citações correspondem às Constituições e Estatutos de 1983. Com relação a este tema, a recente Assembléia Geral reafirmou, com mais força ainda, a necessidade da comunicação e do diálogo em todos os níveis no interior da Comunidade.

onde é preciso colocar os diversos intercâmbios propostos pelas Constituições e Estatutos, para que sua finalidade e sua necessidade apareçam claramente. Tais são as intenções e os pontos a tratar neste artigo.

A comunidade fraterna e a missão

Vivemos numa época de contrastes. Em relação ao tema que nos ocupa, a cultura atual está marcada pelo individualismo e ao mesmo tempo por um desejo de fraternidade. Estes dois traços estão presentes em muitas comunidades de vida consagrada onde encontramos membros com um imenso ideal comunitário, mas que também são mais "consumidores" do que "construtores" de comunidade.

A vida consagrada é uma parte vital da Igreja e é vivida no mundo. Na verdade, o que ocorre tanto na Igreja como no mundo, tem sua repercussão na vida consagrada. A vida em comunidade foi afetada pelas novas correntes da espiritualidade, da eclesiologia e da própria vida comunitária; pela nova sensibilidade face aos valores da pessoa, da liberdade e dos direitos humanos; pela mentalidade democrática de igualdade e o novo papel atribuído à autoridade; pela influência da mídia, do consumismo, do hedonismo, do individualismo e do secularismo. Tudo isto tem afetado a maneira de compreender e de viver a comunidade. Quando surgem dificuldades e tensões, em vez de nos culpabilizar pelo que está ocorrendo na vida comunitária, deveríamos assumir a responsabilidade de buscar os meios para solucioná-las. Porque mais do que culpados, somos herdeiros de uma história que devemos encarar com discernimento, serenidade e co-responsabilidade.

Embora em algumas comunidades perdure ainda uma certa insatisfação e mal-estar, podemos afirmar em geral que todas essas mudanças internas e externas da Igreja ajudaram a amadurecer a vida fraterna, que se tornou mais respeitosa para com as pessoas, mais participativa, menos formalista, menos autoritária. As dificuldades e tensões que nelas ainda persistem, provam que, por um lado, ainda não se chegou a integrar os valores da nova cultura, a harmonizá-los com as exigências da vida fraterna em comunidade e, por outro, que certos contra-valores existentes na própria cultura estão exercendo uma influência negativa. Também não se pode esquecer a limitação humana e a necessidade de uma conversão contínua dos membros que formam a comunidade. Se não se pode negar que os traços da cultura - mesmo os negativos - têm repercussão sobre a vida consagrada, também é certo que esta é chamada a ser sal e o fermento, a "terapia espiritual" para a humanidade. Esta é sua razão de ser.

O Concílio Vaticano II apresentou a Igreja como sinal e instrumento colaborador do projeto de Deus sobre a humanidade, projeto que se concretiza na fraternidade universal². "A mais alta vocação do homem é entrar em comunhão com Deus e com os outros homens, seus irmãos"³. Para restaurar esse projeto Deus enviou seu Filho ao mundo para anunciar um Reino de amor, de perdão e de paz. Com sua morte destruiu o muro da separação entre os povos, e enviou o Espírito Santo sobre a Igreja, novo povo de Deus formado por homens de toda raça, língua e nação.

A vida consagrada nasceu como sinal de comunhão, em referência às primeiras comunidades da Igreja unidas por um só coração e uma só alma⁴. "Peritos em comunhão, os consagrados são chamados a ser na comunidade eclesial e no mundo, testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que está no vértice da história do homem segundo Deus"⁵. Por isso, os mais recentes e importantes documentos sobre a vida consagrada insistem em sua condição de sinal profético de uma fraternidade sem fronteiras⁶.

Certo, a vida fraterna na Companhia está orientada para a missão. Mas a experiência nos diz que uma vida comunitária de qualidade fortalece a missão. Por isso, o Direito Canônico, ao tratar dos traços distintivos das Sociedades de vida apostólica inclui entre eles o fim apostólico próprio e a vida fraterna em comum⁷. As Constituições da Companhia deixam bem claro que a vida em comum das Filhas da Caridade se orienta para a missão, mas, ao mesmo tempo, acrescentam que a vida comunitária é um apoio essencial da vocação e o lugar onde as Irmãs se reabastecem continuamente em vista da própria missão⁸. Fraternidade comunitária e missão são os dois aspectos, "ad intra" e "ad extra", de uma comunidade missionária como é a das Filhas da Caridade. Comunidade e missão necessitam uma da outra e se completam. Por isso, junto com a urgência de uma nova evangelização, como alternativa ao individualismo e como sinal profético de fraternidade evangélica hoje, a necessidade mais urgente é de fazer de nossas comunidades verdadeiras fraternidades. Porque a missão não é uma tarefa confiada a um aglomerado de pessoas, mas a uma comunidade apostólica. Isso supõe grandes exigências em torno da vida comunitária, para superar o individualismo e assumir o que requer uma comunidade apostólica com uma missão comum.

² cf. G S. 3.

³ Documento "A vida fraterna em comunidade", 9.

⁴ cf. Atos. 4, 32.

⁵ "A vida fraterna em comunidade", 10.

⁶ cf. VC, 85, 92; *Partir de Cristo*, 28-29.

⁷ cf. Cânon, 731§ 1º.

⁸ cf. C. 1. 6; 2. 1; 2. 9.

João Paulo II afirmou que “toda fecundidade da vida consagrada depende da qualidade da vida fraterna em comum. E mais: a renovação atual na Igreja e na vida religiosa se caracteriza por uma busca de comunhão e de comunidade”⁹.

A comunicação e o diálogo na comunidade.

Sobre este tema há também evidentes contrastes na cultura atual: um desejo profundo de comunicação e de diálogo coexiste com uma crescente sensação de solidão. As novas tecnologias nos fazem estar mais informados, mas as pessoas se comunicam cada vez menos. Uma situação semelhante pode ocorrer em algumas comunidades.

A psicologia tem demonstrado a relação profunda que existe entre o desenvolvimento da pessoa e o diálogo. A comunicação interpessoal é um constitutivo e uma exigência de nossa natureza. Somos seres em relação. Realizamos-nos entrando em comunicação uns com os outros. O ser humano constitui-se, desenvolve-se e aperfeiçoa-se graças à relação interpessoal com os outros. Ainda que um dos traços da cultura atual seja o individualismo e a solidão uma de suas conseqüências, nada, nem ninguém pode calar o que está na essência da pessoa. Ninguém pode realizar-se sozinho, nem viver como se não necessitasse dos outros e os outros dele. Esta convicção está despertando e alimentando a necessidade do diálogo para solucionar os conflitos entre os povos, entre as religiões, nas famílias, na escola e nas comunidades. Viver aferrados cada um a suas próprias posições é fechar-se ao encontro com os outros de onde podem surgir vias de solução.

Tudo isto é aplicável à vida fraterna em comunidade. Não pode haver comunidade se não se há comunicação e diálogo entre as pessoas que a formam. O documento sobre a vida fraterna em comunidade dedica várias páginas a este tema¹⁰. Para renovar a vida comunitária é imprescindível uma comunicação mais extensa e mais intensa. Para chegar a sentir-nos irmãos e irmãs, é necessário conhecer-nos e para conhecer-nos, a comunicação faz-se necessária. A comunicação cria laços mais estreitos, alimenta o espírito de família, a participação e a co-responsabilidade face à missão comum. A falta de comunicação, ou o fato dela limitar-se a temas superficiais contribui para desenvolver o individualismo, a insensibilidade para com os outros, o anonimato, o isolamento e a solidão. E como todos necessitamos uns dos outros, buscamos fora da comunidade o que não encontramos dentro.

⁹ João Paulo II, na Plenária da CIVCSVA, 20 de novembro de 1992.

¹⁰ cf. VFC. Nos 29-34.

A comunicação numa comunidade de consagrados compreende três níveis: os bens materiais, o afeto e os bens espirituais. Viver em comunhão consiste em dar e receber, em pôr em comum os dons de cada um. Esses três níveis de partilha estavam presentes na comunidade primitiva de Jerusalém que é o protótipo do ideal a que aspira a vida consagrada: “Todos os que tinham abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum”, (nível material) “tinham um só coração e uma só alma”, (nível afetivo) “mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (nível espiritual)¹¹.

Algumas comunidades lamentam a escassez de comunicação e de diálogo sobre os bens espirituais. Este tipo de comunicação é básico numa comunidade de vida consagrada cujos membros não estão reunidos fundamentalmente por afinidades psicológicas, ideológicas, profissionais ou ainda de língua ou raça etc., mas por Aquele que as chamou a viver um projeto comum, por motivações de fé, para crescer em santidade, apoiando-se uns nos outros.

Nas comunidades de vida consagrada, partilhar os bens materiais e a amizade orienta-se para a partilha dos dons do Espírito, dos bens espirituais. E se não se chega a este nível, os dois outros, com o tempo, se tornam irrealizáveis. Esses bens espirituais a partilhar são a Eucaristia, a oração, a Palavra de Deus, enfim, a vida de fé. Quando esses bens espirituais são vividos com autenticidade e são partilhados, ter um só coração e uma só alma torna-se realidade na comunidade. Quando não se sente a necessidade de partilhar esses dons do Espírito, a comunidade começa a se desagregar e pouco a pouco perde os verdadeiros motivos que justificam sua existência. Se na origem e nos fundamentos da vocação houve motivações de fé, por que na vida comunitária, partilha-se mais facilmente os bens materiais e a afeição do que a vida de fé? Esta falha não será uma das causas da fraca qualidade de algumas comunidades? Por que Assembléia Geral de 1997, ao assumir os compromissos sobre a vida fraterna, enumerou em primeiro lugar “recriar comunidades enraizadas em Jesus Cristo que saibam partilhar a experiência de Deus, viver a comunhão no diálogo e no discernimento...?”¹². Passar para a vida este compromisso e os outros do documento, depende de quem?

Condições para a comunicação e o diálogo na comunidade

O pedido generalizado de uma vida comunitária de qualidade exige um maior empenho para melhorar a comunicação e o diálogo entre os membros que a integram. Primeiramente, é preciso estarmos convencidos de sua

¹¹ cf. Atos. 2, 42-44.

¹² *Um fogo Novo*, Pág. 5, 2a.

necessidade e sentir-nos implicados nesta tarefa que não é fácil, porque há pessoas nas quais perdura uma concepção individualista e vertical da vida espiritual, ou que pensam que a comunicação em profundidade é uma moda introduzida por influência das correntes modernas de terapia e de dinâmicas de grupo. Para provar que isto não é certo, bastaria recordar o que as primeiras Irmãs praticavam. Com que naturalidade, profundidade e simplicidade partilhavam, durante as conferências ou repetições de oração, tanto o que consideravam motivo de ação de graças como as falhas das quais pediam perdão!

A comunicação e o diálogo em comunidade nos níveis de profundidade exigidos hoje, não são estranhos à espiritualidade da Companhia. Trata-se mais de uma convicção: viver em comunidade é estar disposto a crescer e a santificar-se ajudando-se mutuamente. Uma comunidade fraterna se constrói sobre a caridade. O Papa Paulo VI já havia dito que *“o diálogo é o novo nome da caridade”*¹³. E o documento sobre a vida fraterna em comunidade acrescenta que *“sem diálogo e escuta, há sempre o risco de se levar vidas justapostas ou paralelas, o que está bem longe do ideal de fraternidade”*. A Exortação Vita Consecrata diz que *“para as pessoas consagradas, unidas em um só coração e uma só alma, por este amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, torna-se uma exigência interior o colocar tudo em comum: bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, como também ideais apostólicos e serviço caritativo”*¹⁴.

Mas não basta estar convencidos da necessidade da partilha. Requerem-se outros pressupostos que o possibilitem e o facilitem. Uns se referem às pessoas que integram a comunidade; outros às formas e métodos que podem ajudar na comunicação e no diálogo em grupo.

Entre os que se referem às pessoas estão:

- **A caridade** antes de tudo. Podemos aplicar ao diálogo comunitário as palavras de São Paulo sobre o amor: ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um símbolo que retine; porque a caridade é paciente, é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não é orgulhosa, não é egoísta, tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta¹⁵.

¹³ Encíclica *Ecclesiam Suam*, III, 56. 6 de agosto de 1964.

¹⁴ V.C. 42.

¹⁵ cf. 1Cor 13, 1-7

- **A confiança** nas pessoas; só quando percebemos que somos aceitos, que os outros confiam em nossa palavra, estamos dispostos a partilhar e a nos abrir sinceramente aos outros.
- **A humildade** para reconhecer que ninguém possui toda a verdade, sem tentar impor, mas expor a nossa, a fim de nos aproximarmos todos da verdade.
- **A compreensão** para perceber a situação peculiar de cada pessoa, evitando todo juízo temerário.
- **A simplicidade** para expor nossa opinião de maneira breve e compreensível.

As formas e métodos dependerão do tipo de intercâmbio ou de comunicação. Serão diferentes quando se tratar de informar, programar, avaliar... ou quando se tratar de partilhar a oração e a experiência de Deus, a revisão de vida comunitária ou apostólica, a reconciliação e o perdão. Todas estas partilhas estão abertas à criatividade. A ajuda ocasional de alguma pessoa perita em dinâmica de grupos pode contribuir para o progresso na arte da comunicação na comunidade. A frequência e a duração dependerão do tipo de comunidade e dos compromissos apostólicos que lhes forem confiados; por isso, cabe à própria comunidade fixá-los. E esta decisão deve ser assumida a partir da convicção de que o diálogo e a comunicação são essenciais para construir e dinamizar a vida fraterna em comum. Suprimi-los com o pretexto de que "não há tempo" estaria indicando que se dá mais importância ao trabalho que às pessoas e à tarefa de construir a comunidade.

Diversos modos de comunicação na Companhia

Desde as origens da Companhia, e favorecidos pelos Fundadores, as Irmãs praticavam diversas espécies de intercâmbios. Cada um deles tinha uma finalidade concreta. Todos se orientavam para que a vida da comunidade fosse mais co-responsável, mais participativa, mais dócil ao que Deus lhe pedia a cada instante. Bastaria recordar a comunicação que as Irmãs faziam durante as conferências, as repetições de oração, o pedido de perdão etc. São Vicente animava as Irmãs a partilhar os pensamentos que o Espírito Santo lhes havia inspirado, porque essa prática contribuía para a mútua edificação¹⁶. Em outra conferência, comunica-lhes a grande consolação que recebeu ao escutar as Irmãs comunicarem seus pensamentos: *"parecia-me, confessa ele, que eram como fagulhas que acendiam um fogo enorme; era como uma candeia que acendia as*

¹⁶ Conferência de 31 de Julho de 1634, p. 1...

*outras. Ó minhas Filhas, como isto será útil para vós se assim fizerdes!*¹⁷. Durante a sessão do Conselho do 20 de junho de 1647, Santa Luisa pede a opinião de São Vicente sobre a prática existente na Companhia, de as Irmãs se reunirem para partilhar o que fizeram, as dificuldades que encontraram e para decidir juntas o que deve ser feito. São Vicente responde: *“Sim, é preciso grande comunicação de umas para com as outras; é preciso intercomunicar-se. Não há nada mais necessário. Isso une os corações e Deus bendiz o conselho recebido, de forma que os trabalhos caminharão melhor. É preciso que nada aconteça, nem se faça, nem se diga sem que toda a comunidade saiba.... E preciso que este intercâmbio seja habitual.”*¹⁸.

Os diversos intercâmbios

Durante séculos as Irmãs conservaram a prática de diversos intercâmbios comunitários, que às vezes, não foram isentos de rotina e, nestes últimos anos, foram até abandonados em algumas comunidades. Porém, hoje, temos a convicção de que a vida fraterna em comunidade está baseada na partilha, tanto dos bens materiais como dos espirituais e que todas as Irmãs devem com ela comprometer-se.

As Constituições lembram que a comunidade fraterna *“constrói-se dia a dia na confiança e graças à vontade de conversão que aceita as revisões comunitárias regulares, a caridade espiritual, a correção fraterna.... Assim a Comunidade torna-se comunhão, onde cada uma dá e recebe e coloca tudo o que tem e tudo o que é a serviço de todas”*¹⁹.

*“A vida comunitária estabelece entre as Irmãs uma partilha que vai das condições materiais da existência aos compromissos espirituais e apostólicos. No diálogo, comunicam-se as experiências, atenuam-se as diferenças e preparam-se as decisões”*²⁰.

*“A Irmã Servente... é responsável por suscitar a reflexão comum em vista do necessário discernimento ante as urgências, os apelos e os compromissos”*²¹.

Os Estatutos convidam a “revisões periódicas em todos os níveis”²², “revisão pessoal e comunitária”²³, “reflexão apostólica”²⁴, “intercâmbios sobre a oração”²⁵.

¹⁷ Conferência de 22 de janeiro de 1646, p. 159

¹⁸ S.V. XIII, 641-642.

¹⁹ C. 2. 17.

²⁰ C. 2. 19.

²¹ C. 2. 21.

²² E. 4.

No conjunto destes textos das Constituições e Estatutos aparecem várias espécies de intercâmbios:

- Os que se referem à partilha dos dons espirituais (intercâmbio da oração e reflexão sobre a Palavra de Deus).
- Os que se referem ao serviço dos Pobres, à missão apostólica confiada pela Companhia (reflexão apostólica).
- Os que se referem à vida da comunidade (revisão da vida espiritual e comunitária e do estilo de vida, pedido de perdão e correção fraterna).
- Outros ainda para a elaboração e avaliação do Projeto comunitário e do orçamento econômico, a programação da formação permanente da comunidade, alguns encontros para informação, estudo e comentário de documentos, de circulares...

Os textos das Constituições e Estatutos não explicam em que consistem os diversos tipos de intercâmbios que propõem, sem dúvida porque os nomes pelos quais são conhecidos e sua prática na Companhia tornam-nos compreensíveis. Tampouco determinam quando fazê-los. Limitam-se a dizer que sejam "regulares", "periódicos", "com frequência". Sua duração e frequência dependem do tipo de comunidade, dos compromissos apostólicos, dos interesses e da criatividade etc. Tudo isso deverá concretizar-se no projeto comunitário e não improvisá-lo. Devemos buscar os tempos apropriados a fim de que todos os membros da comunidade possam participar. Não multiplicá-los pelo afã de fazer muitos encontros nem distanciá-los por preguiça ou por considerá-los pouco práticos. É preciso acentuar mais a qualidade do que a quantidade. A fidelidade dinâmica desta prática secular da Companhia consistirá em salvaguardar os valores evangélicos que buscam reforçar os diversos intercâmbios, mas realizando-os hoje com os métodos e dinâmicas apropriados para evitar a rotina.

Embora convenha escalonar as diversas espécies de intercâmbios com certa periodicidade (semanal ou quinzenal), o dia de retiro mensal é o momento mais adequado para intensificar a prática de alguns deles. Nesse dia, poder-se-ia incluir um tempo para revisão da vida da comunidade a partir do que foi assumido no projeto comunitário. Nesse contexto será mais fácil

²³ E. 1.

²⁴ E. 5.

²⁵ E. 9 e C. 2. 14.

realizar a comunicação da experiência de Deus, a revisão do estilo de vida, o pedido de perdão e a correção fraterna.

O fundamental é que os membros que formam a comunidade estejam convencidos de que a comunicação e o diálogo são necessários para construir e dinamizar a vida fraterna em comum e que isto é tarefa de todos. Igualmente, que a partilha inclui os dons materiais e os espirituais. Com estas convicções será mais fácil encontrar os tempos e os métodos mais adequados para sua realização. Primeiro é o por que e o para que; depois o como e o quando.

Padre Fernando QUINTANO, C. M.
Diretor Geral

Vida da Companhia

***Entrevista de Irmã Évelyne Franc
na Radio Notre Dame***

Pierre MORACHINI
9 de julho de 2003

Esta entrevista, ao vivo, foi escrita a partir de uma gravação (linguagem falada)

Bom dia a todos... é uma alegria para mim, encontrar Irmã Évelyne FRANC. No dia 9 de junho, 2ª feira de Pentecostes, as delegadas das 23 000 Filhas da Caridade, as célebres Irmãs de São Vicente de Paulo, estiveram reunidas em Paris e a elegeram Superiora Geral. Você é a 55ª Superiora Geral após Santa Luísa de Marillac. Você teve a delicadeza de estar conosco esta tarde e vai nos ajudar a lançar um olhar cristão sobre a atualidade e, com você, iremos recordar o hoje das Filhas da Caridade presentes em 93 países do mundo. Antes de lhe passar a palavra, escutemos o noticiário internacional da Rádio Vaticano.

Após o noticiário. Pierre Morachini faz a primeira pergunta.

Antes de lembrar a realidade de sua Companhia, a das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, imagino que o interesse pela atualidade internacional, naturalmente, faz parte de sua vida de Filha da Caridade, na medida em que vocês estão um pouco presentes em quase todas as partes do mundo.

Bom dia, Senhor Morachini... escutando este noticiário, chamou-me a atenção a palavra Aids; falava-se da visita do Presidente americano à África e que ele havia evocado este problema. Claro que pensei em nossas Irmãs, sobretudo de Moçambique e Angola, que tentam, com pequenos meios, mas muito próximas do povo, lutar contra este flagelo. Pensei também no Burundi, onde se fala novamente da guerra a Bujumbura e, lá também nossas Irmãs trabalham com outros institutos religiosos. Pensei ainda em todos aqueles que servem em condições de perigo e que querem sempre estar próximos daqueles com os quais partilham a vida.

Pensem nestas Irmãs do Burundi; que ligação existe entre estas Irmãs que estão assim tão longe, e esta sua espécie de “quartel general”! Como ocorre tudo isso? Vocês têm notícias regulares destas Irmãs? Vocês tiveram ultimamente um Capítulo, uma Assembléia, havia delegadas destas Irmãs?

Claro que sim! Permita-me recusar o termo “quartel general...” Estamos brincando, claro, mas entre nós, dizemos Casa Mãe. Na verdade, nós somos, diria eu, uma grande família e tivemos a chance de ter realizado o que você chamou “Capítulo”, e nós chamamos “Assembléia Geral” que reuniu, ao mesmo tempo, as responsáveis provinciais das 78 Províncias e as delegadas eleitas. Portanto, tivemos uma Assembléia com mais de 180 membros que expôs verdadeiramente os problemas da base, ousou dizer, da vida cotidiana de nossas Irmãs, as dificuldades que elas encontram, e, por isso, eu posso dizer

que nos sentimos próximas. Uma outra maneira de nos sentir próximas, claro, é a utilização dos meios técnicos. Então, sem excessos, temos a possibilidade de unir-nos através do correio eletrônico, o qual permitiu durante a Assembléia Geral, enviar e receber notícias... sim, eu creio que vivemos esta proximidade.

Que imagem você guarda desta Assembléia Geral, das delegadas, dos Superiores? Uma Assembléia Geral é qualquer coisa de vivo?

Sim, há vida. Eu diria mesmo que é inicialmente um encontro amigo, mas também uma experiência espiritual porque juntas buscamos durante seis semanas o caminho que Deus quer que empreendamos hoje. Estes encontros ocorrem de 6 em 6 anos e permitem fazer uma avaliação. Na última Assembléia havíamos falado de inculturação, desta vez, tratava-se de atualizar nossas Constituições, perguntando-nos como melhor expressar em nossa época, o carisma que nos legaram São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac. Experiência espiritual, encontro de família, partilha de vida, penso que estes termos descrevem bem a Assembléia Geral de 2003.

São Vicente de Paulo dizia “o amor é inventivo até o infinito”. O que vocês estão inventando hoje, para viver este amor, este zelo para com os pobres?

Tentamos descobrir o essencial do carisma de São Vicente, isto é, levar o Evangelho ao povo, estando próximas deles, esforçando-nos para aliviar seus sofrimentos, partilhando por nossas atitudes e nosso serviço, o amor de Cristo por eles. São Vicente dizia “servir Cristo nos Pobres”, portanto, proximidade, identificação.

Na França, o que significa proximidade?

Proximidade é talvez viver no meio do povo, num HLM de uma periferia de Paris.

Talvez como Sangatte, no norte da França?

Exatamente; Tal vida pode existir igualmente no interior de um asilo com pessoas idosas ou deficientes, ou ainda no meio de um Conselho paroquial; ela pode assumir diversas formas. Proximidade, para mim, significa humildade: estar próxima do povo, não colocar barreira, estar à sua disposição, sempre guardando nossa dimensão espiritual e a revitalização necessárias; na minha opinião, esta proximidade caracterizou muito bem São Vicente de Paulo.

Gostaria de lhe fazer uma pergunta. Mesmo que vocês aparentem ser religiosas, as Filhas da Caridade, chamadas freqüentemente de Irmãs de São

Vicente de Paulo, não são religiosas. Creio que seja importante repetir isto hoje. Vicente de Paulo e Luísa de Marillac realmente inventaram um novo caminho para as mulheres na Igreja.

O que você diz é muito justo. É realmente um pouco paradoxal; nós não somos religiosas no sentido da época dos Fundadores. Com efeito, São Vicente nos quis diferentes para evitar que ficássemos enclausuradas. Ele nos queria próximas e livres para “ir e vir”. Daí porque, de certa forma, inventou uma nova maneira de servir, e nascemos desta invenção. Em nível jurídico e canônico, fazemos parte das Sociedades de Vida Apostólica e renovamos nossos Votos todos os anos.

Você quer dizer que cada ano as Irmãs podem questionar-se: “no dia 25 de março deste ano, renovarei meu compromisso?”

Considero, sobretudo, que cada ano, nós temos oportunidade de aprofundar nosso compromisso. Pensando bem, nossa busca anual é uma conquista, uma graça que pedimos. Portanto, é ao mesmo tempo um aprofundamento necessário e um olhar sobre o ano que passou: é uma experiência espiritual muito forte. Mas pode ocorrer que Irmãs decidam não renovar os seus Votos.

Este tipo de compromisso, ao mesmo tempo total e marcado por uma data regular, é interessante para a Igreja, hoje?

Digamos que hoje agrada muito, porque percebemos na Igreja um florescimento de movimentos diferentes: há leigos engajados, criam-se Institutos, formas mistas; portanto, parece que não estamos muito longe desta modernidade.

Na França há também a rua do Bac que é muito importante...

A rua do Bac é nossa Casa Mãe, nosso “quartel general” como você falou!

É ao mesmo tempo sua Casa Mãe e um “santuário”. É o lugar das aparições e de uma grande multidão. Se quisermos ver a diversidade da Igreja, basta ir à rua do Bac; e tenho a impressão que os mais pobres se encontram ali. Do mesmo modo, os mais diversos, os que não esperávamos encontrar na Igreja, encontramos-os por lá.

Para nós, como você falou muito bem, é uma graça acolher peregrinos de todos os meios, de todos os países, todos impelidos pelo desejo de se dirigir ao pé do altar, de apresentar a Maria seus pedidos, seus agradecimentos e também muito sofrimento. Quando entramos em nossa capela, ficamos sensibilizadas com a intensidade de oração.

E, ao mesmo tempo, é algo que convém à sua comunidade, porque é muito popular, enfim, quero dizer, de uma certa maneira não intelectual. Entretanto, esta devoção popular não é uma necessidade de busca do Evangelho, de ser evangelizado?

Esta devoção popular necessita primeiramente ser respeitada e creio que houve escritos do Papa que disseram muito bem: volta-se agora a um grande respeito. E mais, há todo um trabalho desempenhado pelas Irmãs que fazem parte do que chamamos entre nós de “pólo capela”. Com os Padres da Missão e os leigos, há um trabalho de evangelização que é realizado e que leva em consideração a caminhada de cada um, é muito interessante e produz muitos frutos.

Concretamente, para você, o que significa ser Superiora Geral? No cotidiano isto quer dizer “estar no seu gabinete” e se comunicar por e-mail com todas as comunidades do mundo? É viajar muito, fazer muitos encontros?

Diria primeiro que é novidade porque ainda não tenho experiência!

Na sua opinião, por que a elegeram?

Mas ora! Não é a mim que você deve fazer esta pergunta.

Vocês conversam antes sobre o assunto? Há uma busca de consenso?

Sim! Há um consenso, há uma consulta que se faz em nível internacional, então se chega mesmo a uma lista com certos nomes, isto é verdade. Mas, enfim, quando a escolha “cai sobre você”, assim mesmo a surpresa é grande. Agora estou esforçando-me para assumir esta tarefa como um serviço, um serviço temporário que foi desempenhado por outras, bem desempenhado pela Irmã que me precedeu, um serviço que será desempenhado por outras depois de mim; e mais, assumo também como uma chance de comunicar alguma coisa.

O que você gostaria de comunicar?

Talvez minha alegria de ser Filha da Caridade, meu entusiasmo, aquilo em que acredito.

Nem sempre é fácil! Muitas vezes em certas regiões do globo ou em certos meios há coisas que são duras. Será que isso traz cansaço, desânimo?

Creio que toda evangelização, todo serviço de Igreja, toda vida consagrada é difícil, remamos muitas vezes contra a maré, vamos quase

sempre contra a correnteza, logo, é preciso recobrar as forças. Mas quando penso nisso, lembro que meu serviço não é um serviço isolado, tenho a chance de estar cercada por um grupo de 10 Conselheiras que representam línguas diferentes. Dez Irmãs vindas da África, América, Europa, que têm experiências diversas, talentos diferentes, e é também com elas que vou desempenhar este serviço.

Vocês formam um grupo importante, dizíamos há pouco; 23 000 Irmãs representam alguma coisa importante na Igreja hoje? Como vocês se mostram unidas à Igreja universal? Como vocês estão atentas a seus desejos, por exemplo, à nova evangelização de que fala João Paulo II? Vocês tentam traduzi-la em atos?

Claro! São Vicente nos quis “filhas da Igreja”. É um termo empregado por ele próprio, logo, tentamos vivê-lo; é certo, que somos um grupo importante, mas somos, por assim dizer, postos avançados, certamente fiéis, certamente meios de transmissão tendo nosso carisma particular. Representamos na Igreja qualquer coisa de especial, o carisma de São Vicente que leu o Evangelho à sua maneira.

Em que país vocês são mais numerosas atualmente?

Creio que na Europa, na Espanha.

E nos países emergentes, até onde vão?

Nos países emergentes, como o Vietnã, creio que nós temos muitas vocações, é uma Província que cresce muito rápido. Poderia dizer o mesmo da Indonésia.

Você fala do Vietnã. Mas muitos religiosos e religiosas poderiam dizer o mesmo. “Oh! No Vietnã tudo vai bem!” Como se explica isso?

Creio que, historicamente, é um país que sofreu tanto, que lutou tanto por sua fé, que hoje colhe seus frutos. E mais, em razão das circunstâncias históricas, é um país onde ainda há muito sofrimento e eu creio que, quando a gente sai de um meio cristão que sofreu, tem-se o desejo enorme de prestar socorro, de enfrentar os sofrimentos e isto pode exercer uma grande influência sobre os jovens. Se comparo aos jovens de nossa realidade, talvez estes tiveram menos oportunidade de lutar por sua fé, de conviver de perto com o sofrimento, porque têm uma variedade de atividades que os distraem...

Poder-se-ia dizer que não é mais o comunismo, mas o “supermercado” que é um obstáculo para a fé. E nos antigos países do Leste, vocês estão presentes, florescem por lá?

Sim! No momento é uma prioridade para mim.
Em que país, por exemplo?

Tivemos a chance de ter na Assembléia representantes da Romênia, da Hungria, da Eslováquia; há um país que me interessa muito, é o Kosovo. Veja, durante a guerra, tínhamos ao mesmo tempo Irmãs eslovenas, albanesas e servas e cada uma se esforçava para compreender o sofrimento da outra.

Mudando de assunto. No próximo dia 9 de novembro, vocês vão viver um grande momento com a beatificação de uma de suas Irmãs francesas, Irmã Rosalie Rendu, que viveu longo tempo em Paris. É uma Irmã que fala alguma coisa para muitos; será que por este fato existe uma rua, uma avenida que se chama avenida Irmã Rosalie.

Avenida Irmã Rosalie, você disse muito bem. E para falar rapidamente, Irmã Rosalie nasceu no Ain, portanto, na diocese de Belley e Ars, mas viveu praticamente em Paris, 54 anos no bairro Mouffetard. Chamavam-na “apóstola do bairro Mouffetard”. Fez seu noviciado como todas nós e depois foi enviada em missão para servir os pobres deste bairro. Lá, ela se desdobrou num dinamismo e coragem admiráveis, sobretudo uniu as categorias sociais. Foi verdadeiramente a amiga dos pobres e dos ricos. Se formos ao cemitério Montparnasse, podemos ler esta inscrição sobre o seu túmulo: “Seus amigos reconhecidos, os pobres e os ricos”.

Ela continua enterrada?

Ela está sempre enterrada e lê-se bem: “Seus amigos reconhecidos, os pobres e os ricos”. Penso que, para nós, Irmã Rosalie tem três traços bem modernos. Há pouco se falava de modernidade. Irmã Rosalie soube inventar coisas na Companhia, eu diria mesmo que ela era talvez um pouco avançada para o seu tempo; nem sempre esteve de acordo com seus Superiores, era uma espécie de profeta, é preciso lembrar disso para os tempos atuais. Era alguém que tinha criatividade. “o amor é inventivo até o infinito”: Criou escolas, manteve um dispensário, sobretudo interveio durante as Revoluções vividas em Paris durante o século XIX: 1830, 1848... Ela fez a união, interpondo-se entre os policiais e aqueles que queriam perseguir. Toda a sua atividade foi em favor da paz, dir-se-ia hoje que era uma “pacifista”. E mais, trabalhou, sobretudo com os leigos. Não sei se você sabe, mas foi ela quem ajudou Frederico Ozanam a

fundar a Sociedade de São Vicente de Paulo, em 1833. Vendo sua dedicação, este pediu à Irmã Rosalie para iniciá-lo na visita aos Pobres. Com ela, ele sentiu qualquer coisa de muito forte e quis imitá-la. Portanto, como você vê, é um sinal para nós, mas também para toda a Família Vicentina. Na verdade, até aqui só falamos da Companhia, não evocamos a Família Vicentina. Porque não há só as Irmãs, mas muita gente animada pelo mesmo ideal vicentino de “proximidade”.

Logo mais daremos o endereço, mas observo que vocês têm dois Sítios Internet muito bem feitos. Já entrei no primeiro e tive a surpresa de ver que acima de vocês há um Superior Geral que dirige não só a Companhia das Filhas da Caridade, mas também a Congregação dos Padres da Missão, Congregação masculina fundada por São Vicente de Paulo. Isto quer dizer que há dois ramos, um masculino e outro feminino a serviço dos Pobres.

Isso mesmo, é uma herança de que nos orgulhamos. Santa Luísa de Marillac quis que dependêssemos de São Vicente de Paulo para evitar que a Companhia caísse sob a tutela dos bispos. Atenção, não vamos confundir-nos, pois já falei que somos “filhas da Igreja” e confirmo. Mas era necessário conservar a unidade, e não mudar de carisma segundo as dioceses em que estivéssemos colocadas. Santa Luísa lutou por esta dependência, o que para nós, atualmente, é uma riqueza, um retorno às fontes, reafirmado durante a nossa última Assembléia Geral.

Você fala de dependência, como se traduz esta idéia, hoje? Não é nada fácil hoje, dizer que este grupo de mulheres está sob a dependência de um Superior masculino?

Talvez o termo “dependência” deva ser adaptado.

Concretamente, o que quer dizer isto?

Creio que seja um recurso a alguém que tem sabedoria e exerce junto de nós o papel que São Vicente exercia junto às primeiras Irmãs. Há uma sabedoria decorrente do carisma vicentino. Diria que em termos de poder jurídico, a coisa evoluiu muito desde a nossa última Assembléia. Foram-lhe retirados certos poderes que eram mais teóricos e que competem agora à Superiora Geral, mas digamos, nossa relação não se traduz só em termos jurídicos ou de autoridade, mas no sentido da própria pertença a um mesmo carisma.

Então, esta Família Vicentina é mais ampla do que a Congregação dos Padres da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade? Existe, dissemos

há pouco, a Sociedade de São Vicente de Paulo, Equipes de São Vicente de Paulo, bastante ampla, e há ao mesmo tempo leigos, consagrados; o que reúne toda essa gente? E vocês se sentem realmente de uma mesma família?

Sentimo-nos realmente numa mesma família, fazemos vários projetos juntos. Além da Sociedade de São Vicente de Paulo e das Equipes de São Vicente de Paulo chamadas também Associação Internacional das Caridades, há ainda a Juventude Marial Vicentina, a Associação da Medalha Milagrosa e o Misevi. Esta pertença comum a uma mesma família nos permite fazer projetos comuns.

Por exemplo, em Manilha urgia trabalhar pelas pessoas que viviam em condições deploráveis; a Família Vicentina fez um projeto, e no local, já havia Irmãs de São Vicente de Paulo e Padres Lazaristas que as ajudavam; a Sociedade São Vicente de Paulo responsabilizou-se pelo financiamento ajudada pelos investimentos das Equipes de São Vicente.

Foi também elaborado um projeto para levar meios técnicos aos países emergentes, para ensinar aos jovens africanos a se servir da Internet, etc. Concretamente, tratava-se de ensinar a montar, desmontar e consertar computadores. Para isto, é preciso crédito e especialistas, e muitas vezes necessitamos da ajuda dos Lazaristas, do apoio e da ajuda concreta dos leigos vicentinos.

Portanto, como você vê, é um agrupamento em nível de carisma, que se traduz também concretamente no serviço dos Pobres, numa colaboração profundamente ativa.

Voltando à Irmã Rosalie Rendu que vai ser beatificada, será que esta beatificação será uma chance para a Companhia na França? Atualmente, na França, onde vocês estão? Vocês são aproximadamente 1400 Irmãs, e, francamente, comparando com 20 ou 30 anos atrás, como estão? Duas vezes menos? Três vezes menos?

Diria, talvez mais do que isto, mas você me pegou de surpresa, não tenho as estatísticas na cabeça.

Isto significa casas fechadas?

Certamente, há fechamento de casas, já que havendo menos vocações que antigamente, ocorre uma certa retração, um envelhecimento, mas, pessoalmente, eu lhe falei de otimismo, gostaria até mesmo utilizar o termo “esperança”. Tenho muita esperança porque a beatificação de Irmã Rosalie vai mostrar que nosso carisma é vivo. Hoje, em nossa sociedade que é praticamente hostil, mais do que

nunca temos necessidade de testemunhas. Durante nossa Assembléia Geral, o Cardeal Lustiger nos prestigiou com sua visita e falou desta beatificação como uma grande alegria para a diocese de Paris; portanto, creio que haverá celebrações comuns. Não se trata de algo apenas de interesse da Companhia, mas é também um fato da diocese de Paris.

Você falou “uma sociedade que pode ser hostil...” remar contra a maré...”A imagem da religiosa, da mulher consagrada hoje, não é forçosamente muito boa em nível de mídia; deve haver aí um contraste entre esta imagem e o que existe efetivamente de fidelidade no cotidiano. Você disse que as Irmãs são muito próximas, então, como testemunhar concretamente isto às jovens de hoje?

Não ousaria dizer que a mídia não seja divulgadora, considerando minha experiência desta tarde! Penso que é preciso utilizar mais estes meios que estão à nossa disposição; tivemos uma Superiora Geral que falava “de humanizar a técnica” creio que é preciso pôr mãos à obra. Você fez alusão a nossos sítios Internet e, efetivamente, há um esforço de nossa parte, para encontrar os jovens lá onde eles estão, utilizando para isso os meios que eles utilizam, que eles conhecem. Penso que devemos talvez, reconquistar uma certa audácia. Claro, há coisas que nem sempre são perfeitas em nosso meio, mas temos atrás de nós numerosas Filhas da Caridade que se santificaram num serviço cheio de amor, fraterno muito próximo aos Pobres, e nem sempre falamos sobre isso. Será que somos muito recatadas, ou muito intimidadas por uma imagem que não é atraente para a sociedade?

Com certeza, na França, hoje, escutamos raramente a palavra de uma religiosa na mídia!

Felizmente há Irmã Emmanuelle que o faz muito bem!

Mas, além dessa exceção, há a palavra de alguém que tenha um longo passado histórico, isto é, que seja uma espécie de ícone da vida religiosa...? A verdade é que hoje, quase não se vêem religiosas na mídia.

Isto é verdade para nós, pois em nosso carisma há muita humildade. São Vicente de Paulo sempre nos disse “se fordes desprezadas, alegrai-vos”. Talvez isso deva mudar de tom e posto num vocabulário atualizado. No entanto, creio que há em nós uma certa timidez diante da mídia, de uma certa forma boa, mas que deve também ser vencida porque quando se faz um bom trabalho é preciso saber prestar conta.

*Você falava de humildade... Tenho a impressão de que, em toda a história da Companhia, houve uma lista de mulheres humildes que durante dezenas **ou** trintenas de anos fizeram o mesmo serviço. Falou-se de Irmã*

Rosalie, mas poderíamos falar das Irmãs da rua do Bac, inclusive daquela que teve as aparições e da qual pouco se fala.

Diria que talvez isto esteja mudando, porque, atualmente, somos menos numerosas. Quando comecei minha vida de Filhas da Caridade, estava em Lyon e havia muitas Irmãs que saíam o dia inteiro com sua sacola: aplicavam injeções a domicílio, visitavam os pobres, subiam aos andares dos prédios do velho bairro São João; santificaram-se, fizeram um bem enorme do qual não se falava. Talvez esta imagem aí tenha desaparecido. Por sermos menos numerosas, dedicamo-nos menos aos serviços verdadeiramente práticos, mas creio que a presença seja ainda visível e talvez o esforço a ser feito seja na formação, para se chegar a uma certa solidez. Atualmente, temos Irmãs que estão praticamente sozinhas num serviço, sozinhas no meio de uma equipe e que devem enfrentar numerosas dificuldades. Você falou no início sobre os meus projetos, minha maneira de conceber o serviço, diria que um grande esforço será feito na formação.

Eventualmente intelectual, ou qual?

Intelectual não seria a primeira coisa em que eu pensaria, mas em ter raízes espirituais, raízes vocacionais e no nosso carisma, suficientemente fortes, suficientemente profundas, para que tenhamos as pessoas firmes das quais nossa sociedade necessita. “Gente com solidez” é um termo que muito aprecio.

Você falou de seus anos em Lyon, você começou com que idade? Conte-nos, como você se tornou Filha da Caridade?

Tive a chance de ter nascido numa família muito católica, mas também de ter tido pais que me fizeram esperar longo tempo antes de me darem o sinal verde.

E por quê? Eles a fizeram estudar?

Fizeram-me estudar, quiseram que terminasse os estudos, quiseram que eu trabalhasse, dizendo “é preciso estar segura”, etc... por isso, foi aos 26 anos que entrei na Companhia. Nela, tive a felicidade de servir de diversas maneiras: junto aos deficientes, depois aos jovens numa escola técnica na França. E, como desde o início eu pedia para partir em missão, fui “enviada” a servir fora da França.

Que significa: buscar partir em missão? Indaga-se o que as Irmãs desejam?

De certa maneira, sim! Depois do Concílio, (eu entrei em 1974, portanto bem depois do Concílio) percebeu-se que era importante pedir a opinião das pessoas, ver suas aptidões, etc... Há muitas pessoas que pedem para partir em

missão ad gentes, mas as necessidades são sempre prioritárias. Eu tive a sorte de partir para a África durante dois anos e depois para a Ásia, durante 14 anos. Estive em Taiwan. Lá, pude descobrir muita coisa deste Extremo Oriente que é muito conhecido da Congregação porque muitas Irmãs partiram para lá, sobretudo para a China, antes da ruptura deste país com a Igreja.

Esta experiência certamente é útil para uma Superiora Geral. Dá-lhe uma visão deste imenso Continente!

Continente muito promissor!

Promissor em nível de Cristianismo?

Ah sim! Com um país como as Filipinas que atualmente, é um dos países de recursos, com boas universidades, um país cristão. Encontram-se também na Ásia outras cristandades, seja na Coreia, no Japão, em Taiwan, na Tailândia. São cristãos fervorosos! Por serem minoritários, tornam-se ainda mais solidamente fervorosos.

Entre uma Filha da Caridade que é coreana, uma francesa, uma dos Estados Unidos, uma da América Latina, porque imagino que vocês também estão presentes na América Latina, há grandes diferenças nas culturas, nos temperamentos e na maneira de estar presentes no mundo e na sociedade. Vocês chegam a se compreender, apesar das diferenças e distâncias?

Ah! A unidade na diversidade é uma riqueza cultural. Falamos muito sobre isso, durante a Assembléia Geral e esta diversidade de culturas foi para nós uma verdadeira experiência de Deus. Pudemos constatar o quanto o carisma de São Vicente se encarna de diversas formas. Evocamos igualmente o que chamamos de vocabulário inclusivo.

Certo... tentar pôr isto em prática no “velho mundo” e nos Estados Unidos?

No mundo de língua inglesa, anglo-saxão, onde os termos masculino e feminino devem ser bem diferenciados, não se pode falar “de afeição fraterna”, é preciso empregar um termo “sisterly affection”, portanto é preciso que se tenha uma certa flexibilidade e dizer que o mesmo termo poderá ser traduzido de modo um pouco diferente em tal ou tal língua, para respeitar a cultura. Eu creio que isto exige de nós um pouco mais de atenção, não se trata de uniformizar, mas de respeitar a maneira como o carisma de São Vicente pode ser lido em Quito, Los Angeles, Paris e depois em Hanói.

Você entrou para as Filhas da Caridade em 1974. Na história da Igreja, em particular na França, tem-se a impressão de que estes anos foram difíceis. Fixa-se

muitas vezes o início da Renovação, nos anos 1975-1978... com a eleição de João Paulo II. Quantas vocês eram ao entrar no Instituto em 1974 ?

Éramos nove para toda a França, mas antes de nós falava-se de 30, de 40, de 50 e de centenas de jovens que entravam na Companhia.

Vocês não falam de “Noviciado” mas de “Seminário”, é ainda este vocabulário?

É ainda a linguagem da “casa”.

Quantas restam do seu Seminário?

Ora, nós somos três. O tempo faz sua obra. A primeira trabalha agora num hospital em Avignon, a segunda está atualmente na Tunísia. Três sobre nove, podemos dizer que houve um autêntico discernimento, muito sadio, custoso talvez porque nem sempre é fácil perceber após alguns anos que não é bem aquele o caminho que nos convém. No entanto, é muito sadio, no sentido de que o pior, na minha opinião, é ficar com qualquer coisa que não é bem sólido. Retomo a expressão “solidez” porque não podemos servir bem se não temos bases sólidas.

Evocamos todas as partes do mundo... mas talvez não suficientemente a América Latina... Vocês estão presentes na América Latina?

Sim, em todos os países da América Latina... e já que você falou do meu novo serviço, é preciso que eu viaje. É uma grande alegria para mim poder dizer que irei justamente encontrar, descobrir, aprender novas maneiras de servir. As Irmãs deste Continente estiveram presentes à nossa Assembléia Geral, mas eu não conhecia os países da América Latina, portanto, ficarei muito contente de conhecê-los.

Já está previsto na sua agenda?

Será no próximo ano!

No momento, seu próximo compromisso será a beatificação de Irmã Rosalie que vocês estão preparando?

Sim, com a equipe de Conselheiras de que lhe falei, porque trabalhamos em equipe. Elas são dez; entre elas, quatro Irmãs foram renomeadas, já têm seis anos de experiência e as outras seis, são novas. Por conseguinte, penso que iremos primeiro aprender a nos conhecer para trabalhar juntas, dividir as

tarefas e discernir as prioridades com o Superior Geral, que é, digamos, nosso animador espiritual.

Você quer dizer o Superior Geral dos Lazaristas!

Sim, com ele definimos os objetivos para os próximos seis anos e escolhemos os meios para atingi-los. É todo um trabalho de preparação um pouco austero, diria, um trabalho de gabinete, e depois, será o tempo de aplicá-lo no local.

Falamos sobre o serviço dos Pobres, mas imagino que há também uma vida espiritual que as reúne! Existe qualquer coisa em comum para toda a Família Vicentina, será que vocês têm uma maneira própria de rezar? Como vocês rezam?

Obrigada por esta pergunta porque o trabalho junto aos pobres, o serviço dos Pobres não pode existir sem estas bases espirituais. São Vicente falava de “oração”, é um tema que nos é muito caro, rezamos, somos contemplativas na ação.

Vocês fazem oração todos os dias?

Fazemos oração todos os dias e, a maior parte do tempo, em comum, o que é também significativo, nós nos encontramos na capela.

Em silêncio?

Em silêncio, sim, mas também com partilhas; partilha de nossas orações em determinados tempos. Esta vida de oração mantém ao mesmo tempo a vida comunitária e a vida de serviço. São as três dimensões de nossa vida que se entrelaçam. Eu diria que a vida comunitária é um apoio para o serviço dos Pobres, que o serviço dos Pobres alimenta a vida de oração. As três dimensões caminham juntas.

E uma comunidade viva que funciona bem é uma comunidade onde tudo isto é mais ou menos equilibrado?

Temos um ponto de Constituição que dá certas bases comuns e temos o que chamamos “projeto comunitário”, isto é, a maneira como cada comunidade (isto pode variar de 3 a 50 Irmãs, segundo os países) vive, adapta, vê a maneira de harmonizar sua vida. Há bases comuns e uma flexibilidade na aplicação que, logicamente, leva em consideração a inculturação.

Desde 1974, você é Filha da Caridade, você fez voto de obediência, você teve que obedecer?

Sim, e direi que pude viver a obediência responsável. Sempre tive muita alegria de sentir que pediam minha opinião e que nem sempre a seguiam. Estas experiências são muito boas, fazem crescer na vida. Recordo que num determinado momento, havia pedido para estudar enfermagem porque eu estava numa casa de deficientes e me responderam: “não, você já fez certos estudos, não vale a pena fazer outros”, etc... Isto foi bom, reconheço que naquele momento eu aceitei o “não” para dar um passo a mais na fé.

Isto quer dizer que você tinha confiança em seus Superiores?

Isto quer dizer que o relacionamento era bom. Havendo ou não uma simpatia humana com as superiores, eu creio que sempre se chega à verdade, quando nos colocamos em atitude de oração, de humildade, uma diante da outra; pessoalmente, eu acredito muito nisso!.

Irmã Evelyne FRANC, muito obrigado por ter aceito nosso convite esta tarde!

Vida da Companhia

Nomeações

PROVÍNCIA DO CALI: Irmã Maria Lia GIRALDO HERRERA foi nomeada Visitadora em substituição de Irmã Blanca Libia TAMAYO a 30 de julho de 2003.

PROVÍNCIA DE CURITIBA: Irmã Paula Pereira ALVES foi nomeada Visitadora em substituição de Marlene Terezinha ROSA a 30 de julho de 2003.

PROVÍNCIA DA ESLOVÁQUIA: Irmã Alzbeta VOLOSINOVA foi nomeada Visitadora em substituição de Irmã Zofia DANISCAKOVA, a 18 de agosto de 2003.

PROVÍNCIA DAS FILIPINAS: Irmã Maria Teresa MUEDA foi nomeada Visitadora em substituição de Irmã Teresa MABASA a 10 de setembro de 2003.

PROVÍNCIA DE GIJON: Padre Juan VELASCO ROBLAS foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos a 28 de abril de 2003.

PROVÍNCIA DE CUBA: Padre Gilbert WALKER foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a 28 de abril de 2003.

PROVÍNCIA DE SÃO LUÍS: Padre John CLARK foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a 30 de abril de 2003.

PROVÍNCIA DE MADRI SANTA LUÍSA: Padre Javier ALVAREZ MUNGUIA foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos a 30 de abril de 2003.

PROVÍNCIA DO VIETNÃ: Padre Jean-Baptiste NGUYEN QUOC THU foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos a 2 de maio de 2003.

PROVÍNCIAS DE GRAZ E DE SALZBURG: Padre Jacques RIENTJES foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a 8 de maio de 2003 até 15 de março de 2004.

PROVÍNCIA DE MADAGASCAR: Padre Kazimierz BUKOWIEC foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos a 9 de maio de 2003.

PROVÍNCIA DE TURIN: Padre Ferdinando MANZONI a foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos a 9 de maio de 2003.

PROVÍNCIA DA BÉLGICA: Padre Daniel MARTELLO foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos a 9 de junho de 2003 e Padre Théo JEURIS foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade de língua flamenga a 9 de junho de 2003.

PROVÍNCIA DE BOGOTÁ: Padre David SARMIENTO FRANCO foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos a 14 de junho de 2003.

PROVÍNCIA DE LOS ALTOS HILLS: Padre Andrew BELLISARIO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos a 16 de junho de 2003.

PROVÍNCIA DA AMAZÔNIA: Padre Pedrinho Carlos Da SILVA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a 28 de junho de 2003.

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE: Padre Joaquim Coelho Fernandes MODESTO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a 24 de julho de 2003.

PROVÍNCIA DO ORIENTE PRÓXIMO: Padre Antoine Pierre NAKAD foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a 23 de julho de 2003.

PROVÍNCIA DE CAMARÕES: Padre Elie DELPLACE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a 28 de julho de 2003.

PROVÍNCIA DA SARDENHA: Padre Giovanni BURDESE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a 4 de setembro de 2003.

Atualidade das Províncias

Província de Curitiba

***Uma casa para os Pobres,
um sonho que se tornou realidade***

Um pouco de história

Há dez anos, Dom Hilário Moser, Bispo Diocesano de Tubarão, Estado de Santa Catarina, pertencente à Província de Curitiba - Brasil, pedia Irmãs para o serviço dos Pobres em sua Diocese.

Após diversos contatos com as autoridades do lugar e estudos da realidade através de visitas aos Pobres, escuta dos apelos e descoberta de situações de grande precariedade, foi escolhida a cidade de Orleans-SC, na Diocese de Tubarão, cuja padroeira é Santa Otília, cuja vida muito se assemelha à de Santa Luísa de Marillac, por sua total doação a Deus para o serviço dos Pobres. Desta forma, a casa, destinada ao serviço de pessoas idosas, receberá o nome da Santa Padroeira da cidade, e isto, num desejo profundo de inculturação no mundo dos excluídos.

Chegada das Irmãs

A 31 de Março de 2003, as Irmãs chegaram tímidas, mas corajosamente, nesta cidade com mais ou menos 50.000 habitantes, onde a evangelização é ainda escassa. A periferia, onde se localiza a casa, é muito pobre, e o acesso até lá difícil, porque não há estrada, nem água, nem eletricidade. É um lugar um tanto abandonado pelo poder público. No entanto, as Irmãs estão animadas de um grande desejo de levar o conhecimento e o amor a Jesus Cristo, servindo-O em seus membros sofredores, particularmente as pessoas idosas.

A Visitadora, Irmã Marlene Terezinha Rosa, a Ecônoma Provincial Irmã Irene Bampi e o Diretor Provincial, Padre José Carlos Chacorowski acompanharam Irmã Sulmira Bernieri, Irmã Ivone Janoski e Irmã Lúcia Anita Caçol. A primeira surpresa foi a constatação de que eram esperadas como “anjos descidos do céu”. A chegada das Irmãs atraiu tanta gente que mais parecia uma procissão do que uma instalação em nova casa. Todos queriam ver as Irmãs de perto, ajudá-las a carregar os móveis e outros objetos, desejando “boas vindas” à maneira dos pobres.

Rapidamente pudemos sentir e admirar a boa vontade da gente do lugar, que vinha para acolher as Irmãs com grande espírito de fé. Após ter descarregado os móveis para a nova casa, quisemos preparar em primeiro lugar a Capela! Como

num passe de mágica lá estavam a Virgem, o Sacrário e um altar circundado com seis banquetas. Juntas, rezamos uma Ave Maria em honra a Nossa Senhora das Graças, e logo tudo estava preparado para a celebração Eucarística e para a permanência do Santíssimo Sacramento no tabernáculo.

Durante este tempo, em todo o bairro, com alto-falantes, os homens anunciavam a chegada das Irmãs e as razões de sua vinda: *“chegam para acolher e servir as pessoas idosas de nossa região, segundo seu carisma específico: servir a Deus nos Pobres”*.

Milagres acontecem!

Quando menos se esperava, embora já fosse noite, lá estavam homens, com grandes máquinas e tratores, eletricitas, encanadores, para abrirem uma estrada, instalar água e eletricidade. Foi uma grande surpresa para os habitantes do bairro que lutavam por isso há muito tempo sem nenhum resultado e viram seus desejos realizados quando menos esperavam.

Por essa razão muitos moradores, os pobres do bairro, crianças, jovens e adultos, se reuniram para dar graças a Deus. Num vibrante “viva Deus”, participaram da Missa celebrada por Padre Diretor. . Nesta ocasião, ele aproveitou para transmitir a mensagem da Medalha Milagrosa. Benzeu-as e distribuiu às pessoas que as recebiam com grande devoção. Beijavam-nas com respeito vendo no fato uma atenção particular de Deus para com o povo que já se acreditava abandonado. Foi um momento de grande alegria e de fé.

No final da Missa, encantados pela música tocada no violão por Irmã Lúcia Anita e pela alegria das Irmãs que rezavam cantavam, duas crianças de cinco e de sete anos apresentaram felizes seu desejo de ser Padre e Irmã. Tudo era festa. Ninguém queria retornar às suas casas.

A inauguração

No dia 13 de Abril de 2003, domingo de Ramos, as Irmãs do Conselho Provincial, juntaram-se às Irmãs da Comunidade local (Irmã Paludo - Ir. Servente – Irmã Camargo e Irmã Caçol) para a celebração da Eucaristia na Igreja da Paróquia, situada a dois quilômetros da casa. Após a cerimônia dos Ramos, Dom Hilário Moser, Bispo da Diocese de Tubarão, que tanto lutou para obter as Filhas da Caridade, apresentou as Irmãs aos habitantes da cidade. A Igreja estava repleta, nunca se viu tanta gente. Não havia lugar nem mesmo para uma agulha. O povo vibrava, as crianças sorriam e a juventude que não

conhecia as Irmãs, indagavam onde ficava a comunidade. Os sinais de Deus se multiplicavam.

Enquanto Dom Hilário Moser apresentava as Irmãs ao povo, eis que um pobre, mal vestido, sai do meio do povo; pega um botão de rosa caído no chão, sobe no presbitério e entrega-o simplesmente a uma Irmã. Ele não sabia a quem o ofertava, porém era exatamente àquela que seria a Irmã Servente do grupo. A Comunidade estava confirmada! Os Pobres já a reconheciam publicamente. Abraçando a Irmã disse: *“Nunca saiam desta cidade. Esta flor é o sinal de que queremos vocês sempre com a gente! Foi Deus que as plantou... vocês devem florescer aqui”*.

Bênção da Casa

Na tarde deste dia, Dom Hilário lá estava para proceder à bênção da “Casa Santa Otília”. Várias pessoas o acompanhavam, e a alegria era visível em suas fisionomias. Após a bênção, foi convidado para um pequeno lanche, e mais uma vez... uma surpresa! Uma senhora vizinha entra timidamente na casa, trazia algo coberto com uma toalha. Entrando, disse docemente: *“Eu vi tanta gente entrar nesta casa, pensei que as Irmãs não teriam pão suficiente para todo o mundo”*. Ela trazia um pão quentinho, como presente à Comunidade que acabava de ser instalada. Era uma bênção não somente para a casa, para toda a cidade, especialmente para os Pobres.

Conclusão

Pouco a pouco os trabalhos são organizados. O povo e as Irmãs puderam celebrar a festa da Páscoa, agradecendo a Deus pela presença das Filhas da Caridade, graça concedida pelo Conselho Geral da Companhia, para esta nova implantação.

Nesta semana santa, isto foi para todas nós, um sinal extraordinário da ressurreição de Cristo!

Com os pobres, com toda a Companhia, ousamos dizer à maneira de São Vicente: “Deus seja bendito”

Irmã Marlene Terezinha Rosa
Visitadora da Província de Curitiba

Vida da Companhia

***Aniversário
1633 – 2003
A Companhia festeja seus 370 anos***

Chantal CREPEY
Membro da Equipa da Capela

No dia 29 de novembro de 2003, a Companhia comemora seus 370 anos!

Nesta ocasião, a equipe de animação pastoral da Capela se esforça para sensibilizar os fiéis e os peregrinos para o carisma dos Fundadores e propõe-lhes esta conferência:

"Santa Luísa de Marillac, a caridade em ação"

Introdução

Na Capela da rua do Bac, dois grandes santos nos acolhem: São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac. O primeiro é mais famoso que a segunda! Se existem mais de quatrocentas biografias daquele que Voltaire chamava "o padroeiro dos fundadores", pouca coisa existe sobre Santa Luísa. A respeito deste fato a gente muitas vezes se questiona:

- Num pensionato? Mas por que assim tão jovem?
- Casada? Mas por que "Senhorita"?
- Marillac ou Le Gras? Fico toda confusa!
- Senhora da Caridade ou Filha da Caridade? Não sei!
- Rua do Bac, é ela? Pensava que era Catarina Labouré.
- As duas? À direita ou à esquerda do altar - mor?
- Franzina e complicada, mãe exagerada, ou grande pela bondade, pelo sofrimento e pela ação?
- Simples executora de Vicente de Paulo ou personalidade original e forte?

Em todo caso, desconhecida!

Ela é a primeira coordenadora das Confrarias da Caridade, que visita, anima, reorganiza a pedido de seu Fundador; a grande Fundadora das Filhas da Caridade com o Padre Vicente; mola mestra na obra dos Menores Abandonados. É a mística humilde e forte, alma irmã de Vicente de Paulo, como Jeanne de Chantal para Francisco de Sales, como Clara de Assis para Francisco de Assis. Santa Luísa de Marillac é uma grande dama. Ela é uma grande santa. Ela viveu a caridade em ação.

Por caminhos novos

Nunca perdemos tempo na escola dos santos. Como um vitral deixa passar a luz, sua vida deixa transparecer a inesgotável riqueza de Deus. Um contemporâneo de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac, São Francisco de Sales, dizia:

"A Igreja é um jardim matizado de uma infinidade de flores, de diversos tamanhos, diversas cores, diversos aromas enfim, diversas perfeições, portanto

necessita delas. Cada uma tem seu preço, sua graça e seu brilho; e todas, reunindo sua variedade, formam um agradável conjunto de beleza”.

Entre os santos, Luísa é, podemos dizer, “aquela que se mantém em destaque, na capela do Espírito Santo”. Tendo experimentado em sua vida a ação transformadora, do Espírito, dedicar-lhe-á uma devoção toda particular.

Esse dia de Pentecostes de 1623 em que recebeu consolo e o anúncio de sua missão, é lembrado num belo mosaico na capela da rua do Bac. Este mostra, numa glória deslumbrante, a pomba do Espírito que envia seus raios dourados, entre dois anjos adoradores, como para envolver Santa Luísa com sua luz.

Dez anos mais tarde, em 1633, Luísa funda com o Padre Vicente, a Companhia das Filhas da Caridade, propondo às mulheres um novo compromisso: doar-se a Deus para o serviço dos Pobres.

Neste ano de 2003, a Companhia comemora, pois, seus 370 anos. Nesta capela da Casa Mãe, há alegria ao recordar esse acontecimento. A fidelidade à tradição não é repetir o passado, mas um convite à criação, uma volta às fontes, ao carisma das origens, como diz João Paulo II, para uma caminhada rumo ao futuro...

Herdeira de um grande nome de França

É sempre com imensa curiosidade que nos voltamos para os anos da infância das pessoas ilustres, como para descobrir o fruto em sua flor.

A criança nasceu em 1591. Sua mãe permanece desconhecida. Seu pai, um viúvo, Luís de Marillac é de uma grande família originária d’Auvergne, que dá Bispos à Igreja, embaixadores à França, conselheiros e advogados ao Parlamento. Miguel de Marillac, ministro de Justiça e Luís de Marillac, marechal de França que foram vítimas do cardeal de Richelieu eram seus tios.

Luís reconhece sua filha e, desde o seu nascimento dá-lhe uma pensão. Depois se casa. É então que, aos quatro anos, Luísa é confiada ao convento real de Poissy, mantido pelas Dominicanas. Assim Luísa, em sua primeira infância é privada do calor da família, mas, neste pensionato de qualidade, recebe uma instrução aprimorada e uma cultura clássica, num ambiente religioso autenticamente espiritual.

Esta forma de pobreza cruel, a ausência de uma verdadeira família aumenta quando Luísa, aos treze anos, provada pela morte de seu pai, rompe com todos que lhe são próximos.

Na verdade, Luísa é colocada num pensionato, em Paris, em condições muito modestas. Nada de conforto, nada de vida fácil. Para ajudar a Senhora da Pensão em sua sobrevivência, Luísa encaminha suas companheiras a bordar rendas e toalhas para daí retirar benefícios. A pobreza? Imediatamente Luísa acrescenta-lhe a caridade efetiva...

Jovem, lê bastante: a Bíblia, a Imitação de Cristo, a Introdução à vida devota (de Francisco de Sales). Exerce sua arte preferida, a pintura. Imbuída de uma fé profunda e exigente, Luísa pensa em vocação religiosa, numa das Congregações mais austeras, as Capuchinhas. Mas deve abandonar seu projeto em razão de uma saúde muito frágil. Para ela é uma grande angústia...

Um casamento feliz

Luísa tem vinte e dois anos. Está bem sozinha. Interroga-se sobre o seu futuro. Seus familiares julgam conveniente casá-la. Casa-se, então, em 1613, na Igreja de Saint Gervásio¹, um escudeiro de boa família e de honrada fortuna, Antônio Le Gras, secretário dos Comandos de Maria de Médicis, a rainha mãe. Nesta época era preciso casar com um barão ou um cavaleiro para receber o título de senhora: Luísa casou com um escudeiro, só pode ser chamada Senhorita, como uma burguesa.

Com seu casamento, as sombras de seu nascimento e de sua juventude desaparecem. O jovem casal é mantido pelo benefício real. Luísa tem sua hora de euforia. Prepara-se para viver uma função mundana. Os Le Gras fazem recepções no Hotel de Marais e freqüentam a Corte.

Mas este período de felicidade e de brilho, iluminado pelo nascimento do pequeno Michel dura muito pouco. Uma primeira tempestade dissipa suas ilusões: a rainha mãe é afastada do poder e sua Corte dispersada. E mais, Luísa é assaltada por preocupações familiares. Seu filho não se desenvolve normalmente, assume seus sobrinhos órfãos e sua fortuna decai profundamente.

A estas dificuldades acrescenta-se ainda a doença de seu marido, A partir de 1621 ele sofre bastante e a vida se torna difícil. Para Luísa é uma grande cruz. Seus tormentos se agravam a cada semana, no ano de 1623...

Iluminação de Pentecostes

¹ Praça Saint-Gervais – 75004 - Paris

Neste estado desolador, Luísa se pergunta se não deve deixar seu marido para melhor servir a Deus. A 25 de maio de 1623, dia da Ascensão, entra num estado de desespero, até duvida da imortalidade da alma e da existência de Deus. Fica assim mergulhada em profundo abatimento de espírito durante dez dias.

Tudo muda na festa de Pentecostes. “No dia de Pentecostes, escreve ela, estando em Saint Nicolas des Champs², durante a Missa, num instante meu espírito foi esclarecido de suas dúvidas”.

Luísa compreende, na luz do Espírito, que um dia consagrar-se-á a Deus, por voto, para o serviço dos Pobres e que viverá em comunidade, fora do claustro. Recebe também a certeza de que Deus lhe enviará um padre para orientá-la na missão. Enfim, é confirmada na certeza da fé.

Luísa atribui a causa desta luz de Pentecostes a Padre Francisco de Sales³, falecido no ano anterior. Luísa o havia conhecido e o admirava bastante. Invocava-o ardentemente em suas orações. Mas, além deste grande santo, Luísa atribui esta graça ao Espírito Santo. Daí sua excepcional devoção ao Espírito de Deus de quem ela experimentou a ação luminosa em sua vida.

Junto ao leito de seu marido, Luísa vela pacientemente até o fim. A 21 de dezembro de 1625 seu marido morre serenamente. Luísa experimenta um grande sofrimento com a morte de seu esposo. Pouco tempo antes, a Providência havia colocado em seu caminho um certo Padre Vicente...

Primeira coordenadora das Confrarias da Caridade

Alguns meses antes da morte de seu marido, Luísa encontrou o Padre Vicente, no qual reconheceu o padre que entrevira na luz de Pentecostes.

Está agora viúva, assumindo seu filho Michel. Passa primeiro por um período de incerteza e angústia. Está quase arruinada. Deixa seu Hotel de Marais em 1626 e se muda para um pequeno apartamento, na paróquia de Saint Nicolas du Chardonnet, bem perto do Colégio des Bons Enfants onde Padre Vicente acaba de instalar sua primeira comunidade de Padres da Missão.

² Saint Nicolas des Champs – 254, rua Saint Martin, 75003 – Paris.

³ Bispo de Genebra e Fundador da Visitação, com Jeanne de Chantal.

Luísa gostaria de empreender qualquer coisa, mas não sabe o quê. Padre Vicente está sempre ausente em missão, no campo. Após a morte da Senhora de Gondí, em 1625, falta um apoio fiel e eficaz para as Confrarias da Caridade, fundadas em 1617⁴. Gostaria de transformar estes grupos isolados e desligados uns dos outros, embora tendo um regulamento comum, numa obra bem firme e duradoura em plano nacional. Padre Vicente pressente na Senhorita Le Gras a colaboradora ideal para desempenhar esta função, mas espera os sinais da Providência.

Em 1629, Luísa decide comprometer-se ao lado do Padre Vicente. Escreve-lhe. Ele o aprova com alegria. Começa, então a percorrer as estradas da França. Por onde passa, reúne os membros da confraria local, anima as Senhoras, devolve-lhes a confiança em sua missão, confirma os regulamentos, ameniza as rivalidades. Ela mesma dá catecismo para as crianças, explica às senhoras os métodos para o ensino após a sua partida. Cria escolas, nomeia às instrutoras. A seus olhos, a instrução faz parte da caridade.

Esta função é a primeira grande tarefa de Luísa. Ela própria faz parte das Senhoras da Caridade do Hotel Dieu, em Paris. Rapidamente torna-se um modelo e uma matriz.

A fundação de uma comunidade nova

Durante quatro anos, Luísa visita as Caridades dos arredores de Paris, de Champagne, de Bourgogne. Adquire o hábito de agir e de decidir. Padre Vicente ajuda-a a firmar sua piedade na liberdade e no amor. É enfim, libertada do peso de sua infância e de sua juventude que a afligia. De maneira significativa, Luísa abandona definitivamente o nome de Le Gras e retoma o de Marillac que seu pai lhe havia dado. É com este nome que a Igreja a canoniza em 1934.

Quarenta anos após uma caminhada cheia de provas, está preparada para sua grande obra. O encontro com o Padre Vicente é decisivo em sua vida. Este já havia criado uma novidade fundando as Confrarias da Caridade em 1617, que dava às mulheres leigas uma responsabilidade na Igreja e na sociedade pela organização de uma caridade eficaz e criativa. Fundara em 1625 a Congregação dos Padres da Missão para a evangelização dos camponeses e a formação dos padres.

Com Luísa, Padre Vicente vai realizar uma outra novidade: a aliança entre a vida de perfeição do claustro e a vida de caridade ativa.

⁴ Hoje, na França, as Equipes São Vicente, membros da Associação internacional das Caridades (AIC)

Surgem dificuldades nas Confrarias parisienses. As senhoras que se haviam comprometido junto aos pobres se fazem substituir por suas empregadas. Padre Vicente compreende então a urgência de criar uma sociedade formada por meninas do campo. Em 1630, uma camponesa de Suresnes, Margarida Naseau, vem procurá-lo, desejosa de se dedicar aos doentes e ao ensino das jovens. Outras se agrupam a ela. Desde 1631, Luísa pensa na idéia de uma comunidade com estas jovens camponesas.

Em fevereiro de 1633, Margarida Naseau morre contagiada pela peste por ter cedido sua cama a uma doente.

A 29 de novembro de 1633, Luísa de Marillac reúne as primeiras jovens em sua casa. São apenas quatro. No ano seguinte o grupo está com doze membros.

A 12 de março de 1634, na festa da Anunciação, Luísa se compromete por voto a dedicar-se totalmente a esta obra. Redige um regulamento. Padre Vicente considera-o excelente. Em 1636, Luísa se instala com estas quinze jovens ao norte de Paris, depois em 1641 vai estabelecer-se em frente ao priorado de São Lázaro. A Companhia se desenvolve muito rápido. Está aberta a todas as atividades tão variadas quanto a miséria com seus múltiplos rostos.

A honra de São Vicente e de Santa Luísa

É preciso falar de drama, de drama social, de drama humano, e da honra de Vicente de Paulo e de Luísa de Marillac por não terem aceitado passivamente a realidade, por terem lutado concretamente contra o flagelo do abandono das crianças, dedicando-se totalmente a esta luta, com toda a riqueza e a força do amor e com espírito prático.

Na época de Luís XIII, trezentas a quatrocentas crianças eram abandonadas nas ruas de Paris. A maior parte morria de fome e de frio. Outras eram levadas para uma casa da cidade, a “Couche”, rua Saint Landry, perto de Notre Dame. Lá, insuficiência de alimentos e falta de cuidados reduzia ainda mais o grupo... Aqueles que restavam eram vítimas de tráficos incríveis, vendidos a mendigos que lhes quebravam os braços e as pernas para atrair a compaixão dos passantes.

Pressionado a agir, pelo clero de Notre Dame, que via cada domingo crianças expostas na entrada da nave para fazer apelo à caridade dos fiéis, horrorizado com esta desgraça, enfrentando os preconceitos que retardavam o envolvimento das Senhoras da Caridade, Padre Vicente se lança, em 1638 a socorrer as crianças abandonadas.

Todo o peso da obra das Crianças Abandonadas recai sobre Luísa de Marillac e as Filhas da Caridade. Luísa tem o dom da organização. Instala uma casa na rua des Boulangers que logo se torna pequena. Para abrigá-las, porque as crianças são cada vez mais numerosas (de 1638 a 1643 cerca de 1200 crianças foram socorridas), Padre Vicente manda construir uma série de treze casas perto de São Lázaro. Luísa forma as Filhas da Caridade para este serviço particularmente difícil. Sozinha frente a todos os detalhes da vida cotidiana, durante as agitações da Fronda que devasta os arredores de Paris, ela lança apelos desoladores ao Padre Vicente. Este convoca mais uma vez uma grande assembléia das Senhoras da Caridade para expor-lhes o sofrimento destas crianças. Ninguém resiste a tais súplicas. Então, a obra das crianças abandonadas é salva pela generosidade das Senhoras.

É, sem dúvida, o regulamento redigido para as crianças abandonadas o que revela melhor a profundidade e a delicadeza da caridade do Padre Vicente. Desce aos mínimos detalhes da vida material das crianças como aos de sua educação. É um pai com o coração materno, atento a cercar as crianças de afeto, preocupado com sua educação moral e espiritual, com sua instrução e sua formação profissional.

Nasce assim a grande administração francesa da Assistência pública. Esta obra foi durante vinte anos o tormento e a honra de Santa Luísa de Marillac.

Com essas jovens, ela vai também garantir o funcionamento do hospital do Nome de Jesus, realização modelo de um hospital para quarenta idosos.

Um dom de formadora

Luísa possui uma grande cultura humanista e religiosa. As Senhoras da Caridade vêm passar junto dela e sob a sua direção, alguns dias de recolhimento. Motivada pelo Padre Vicente e beneficiada por seus conselhos, Luísa assume a direção dos exercícios espirituais destas “retirantes”.

Além das funções e da direção das casas, uma outra grande preocupação de Luísa é a formação espiritual de suas Filhas, sua instrução, sua preparação para o serviço dos pobres e para a vida de comunidade. A correspondência é o grande instrumento de que Luísa se serve para este efeito.

Luísa fala bem e todos gostam de ouvi-la. Ela tem o gosto, a paixão e a arte de ensinar porque sabe o valor do conhecimento. Considera a ignorância como um estado de violência que aliena o homem, afasta-o do seu destino, porque Deus o criou para conhecê-lo e amá-lo. Convencida de que a escola

para os Pobres é uma forma de caridade, cria a primeira escola popular gratuita para meninas.

Preocupada com a arte de ensinar a doutrina cristã, redige um catecismo destinado às crianças e ao povo simples.

Em 1658, após várias vicissitudes, o regulamento definitivo coloca a Companhia sob a direção do Superior Geral da Congregação da Missão. É aceito por Roma e ratificado pelo Parlamento. Assegura, segundo o desejo mais profundo de Luísa, a unidade das duas fundações, Padres da Missão e Filhas da Caridade.

Uma alma de oração

A grandeza das realizações na vida de Luísa de Marillac não deve ofuscar a virtude interior e secreta. A santidade é a única explicação da sua prodigiosa e fecunda atividade.

Muito discreta sobre os acontecimentos de sua vida pessoal, no entanto, aos quarenta anos, Luisa confessa que seu caminho foi doloroso: *“Deus me fez conhecer que sua vontade era que eu fosse a Ele pela Cruz que sua bondade quis que tivesse desde meu nascimento, não me deixando quase nunca, em qualquer idade sem ocasião de sofrimento”*.

Luísa é uma alma impregnada de absoluto, apaixonada pela verdade. É uma intelectual e um artista. Mulher de cabeça e de organização tem o espírito prático, o caráter vivo. Contudo, às vezes é atingida por verdadeiras tentações de desânimo e tem necessidade de um apoio permanente para a sua vida interior pessoal.

Por parte do Padre Vicente, a dedicação é total, incansável durante trinta e cinco anos. Sob a sua direção, a vida interior de Luísa torna-se cada dia mais oração, porque São Vicente recorda incessantemente às suas Filhas a lei essencial de toda vida espiritual autêntica: *a oração, “diálogo da alma com Deus”, “mútua comunicação onde Deus diz interiormente à alma o que quer que ela saiba e que faça e onde a alma diz a seu Deus o que ele próprio lhe indica o que deve pedir”*.

Contudo, para o Padre Vicente como para Luísa, o amor de Deus não pode limitar-se a uma pura experiência espiritual. Deve tomar corpo numa caridade ativa, num amor afetivo e efetivo do próximo.

Luísa dirige-se espontaneamente à Santíssima Trindade, com uma consciência reconhecida do amor de Deus, uma certeza feliz da sua união pessoal com Cristo na alegria do encontro eucarístico, e com uma grande devoção ao Espírito Santo que abriu a sua alma à luz divina.

Ela é também animada por um grande amor à Virgem Maria, amor que soube inspirar às suas Filhas...

Maria Imaculada

"Todas as almas realmente cristãs," escreve Luísa, devem ter um grande amor à Santíssima Virgem, e honrá-la muito por sua qualidade de Mãe de Deus e pelas virtudes que Deus lhe deu nesta intenção".

Em Outubro de 1644, Luísa vai a Chartres em peregrinação para consagrar a Companhia à Santíssima Virgem. Duas festas mariais ritmam a vida das suas Filhas: 25 de Março, renovação dos seus votos anuais na festa da Anunciação, 8 de Dezembro, renovação de sua oblação a Maria na festa da Imaculada Conceição.

Apesar das controvérsias enfrentadas na Igreja, Luísa está firmemente convencida da concepção imaculada da Mãe de Deus. Por outro lado pediu às suas Filhas que acrescentassem a cada dezena do seu terço uma curta oração: "Santíssima Virgem, eu creio e confesso vossa santa e imaculada concepção". Esta oração acha-se inscrita em letras de ouro na parte inferior da cúpula do coro da capela da rua du Bac.

Portanto, não é de admirar que Deus tenha escolhido a "família" de Santa Luísa para inspirar à sua Igreja a definição dogmática da Imaculada Conceição! Esta é a mensagem das aparições da Virgem Maria a Santa Catarina Labouré em 1830, concretizada numa medalha que leva a inscrição ditada pela Virgem: "Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós". Após a divulgação extraordinária desta medalha, Pio IX define a 8 de dezembro de 1854, o dogma da Imaculada Conceição, confirmada pelas aparições de Lourdes em 1858.

Para a eternidade

Luísa só sai dificilmente. Nos primeiros dias de fevereiro de 1660, entra por seis semanas no despojamento da doença. Diz adeus às suas Filhas, a Michel, à sua esposa Gabrielle, à sua netinha Luísa Renée e à sua comunidade. Formula um só desejo: que se viva para o serviço de Deus e dos pobres. Seu testamento espiritual às Filhas da Caridade resume sua vida: "Tende grande cuidado do serviço dos pobres, e, sobretudo, vivei juntas, numa grande união e cordialidade, amando-vos uma às outras, para imitar a união e a vida de Nosso Senhor. Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única mãe". Este testamento está escrito em letras de ouro sobre o altar que contém o seu relicário, na Capela.

E eis que uma última prova trabalha o seu coração. Antes de partir, o terá ela a consolação de rever por um instante aquele que, há trinta e cinco anos, a apóia e a quem ama calorosamente? Luísa faz o pedido ao Padre Vicente. É seu vizinho. Poderia vir, apesar das suas pernas encurvadas. Este não responde ao seu pedido. Ela gostaria pelo menos do consolo de uma palavra. Esta palavra, não lhe será escrita. Envia-lhe, contudo um dos seus irmãos para convidá-la a partir em paz e a anunciar-lhe que ele irá brevemente encontrá-la. Ele quer para Luísa uma renúncia perfeita...

O sacrifício de ser privada, nesta última etapa da sua vida terrestre, daquele que foi para ela o conselheiro iluminado, seguro, pacificador, durante tantos anos, é-lhe dolorosamente sensível. A agonizante aceita. Ela deu tudo!

Morre na segunda-feira da Paixão, 15 de Março de 1660. O seu corpo é depositado na igreja de Saint Laurent, então paróquia da Casa Mãe das Filhas da Caridade.

Na conferência seguinte à morte de Luísa de Marillac a que o Padre Vicente preside, dominando sua emoção, ele conta simplesmente ter sido privado da consolação de revê-la e que a Providência assim o quis para a sua perfeição.

Só Deus

Privada desde o seu nascimento da afeição de uma mãe, colocada em pensionato aos quatro anos, órfã aos treze anos e desenraizada de seu meio, Luísa fica viúva aos trinta e quatro anos, após doze anos de um casamento feliz, mas marcado pelas preocupações maternas e os quatro anos de doença do seu marido. Seu encontro com o Padre Vicente revela-lhe gradativamente sua vocação: doar-se a Deus na pessoa dos pobres.

Não é sem temor que Luísa acolhe o projeto de Deus que se lhe apresenta: reunir jovens camponesas para o serviço dos pobres, ela que é de grande família e cultura refinada.

Não é sem lutas que conduz sua missão: ela deve dominar sua imaginação e sua viva sensibilidade, a busca um pouco ansiosa de perfeição. *"Estais voltada demasiado sobre vós mesma, censurava-lhe São Vicente, é necessário caminhar bem e simplesmente"*. Ela é uma apaixonada que dominou seu temperamento.

Não é sem lutas que percorre o seu caminho: rupturas afetivas, tragédias familiares, dificuldades financeiras, doenças; em seus trabalhos: peso esmagador das responsabilidades, contradições e conflitos.

Luísa superou tudo isso confiando no amor de Deus e não nas suas próprias possibilidades. Quando penava sob o fardo, não foi pelo "estudo e os conhecimentos intelectuais" que superou as dificuldades. Luísa buscou em Deus e unicamente em Deus, o socorro que lhe prometeu. O compromisso com o serviço dos pobres, no dom total a Deus, foi para Luísa caminho de realização e caminho de paz.

Beatificada por Bento XV a 9 de maio de 1920, Luísa é canonizada a 11 de março de 1934 por Pio XI. O Papa João XXIII declara-a em 1960, padroeira de todos aqueles que se dedicam às obras sociais cristãs.

Convidada pelo próprio Deus a esta aventura divina que é a santidade, Luísa de Marillac traz-nos a certeza da presença e do poder divinos no coração humano. Nela vê-se a força de Deus triunfar das fraquezas humanas. De fato, não escondeu o seu segredo. No seu testamento, pediu que, sobre a cruz que velaria por seus restos mortais, inscrevessem apenas estas palavras: Spes unica. O Cristo, Cristo crucificado foi para ela, exatamente:

"o Caminho, a Verdade, a Vida."

UM CARISMA PARA HOJE!

O espírito de Santa Luísa de Marillac: um grande dom para o século XXI!

O sopro ardente da caridade abrasou o coração de Santa Luísa de Marillac e o de São Vicente de Paulo e deu às suas intuições e às suas obras uma dimensão de eternidade, que se inscreve com audácia na realidade da sua época.

O selo da Companhia, idealizado por Santa Luísa, resume a vida das Filhas da Caridade, todas doadas a Deus para o serviço dos pobres: é o coração inflamado pelo amor de Jesus crucificado e estas palavras "a caridade de Jesus crucificado nos impele". Este coração abrasado de amor continua ser a "chama ardente" que anima através do mundo 23.000 Filhas da Caridade nos cinco continentes, 15.000 na Europa, 1500 na França. A vocação de Luísa de Marillac, que se exprimiu por uma caridade em ação, é resposta sempre atual às necessidades e às aspirações do nosso século XXI.

Um contexto de globalização?

A Companhia é internacional desde a sua origem. Missionárias, as Filhas da Caridade estão presentes nos cinco continentes em noventa países, com os mais pobres.

Uma exigência social de democracia?

A simplicidade é a regra da Companhia, na igualdade dos seus membros e a comunicação mútua.

Um compromisso importante para a solidariedade?

As Filhas de Caridade fazem, além dos três votos, castidade, pobreza, obediência, um voto de caridade: o de servir os pobres toda a sua vida.

Um hábito de trabalho em igualdade entre homens e mulheres?

Duas congregações, uma masculina, os Padres e os Irmãos da Missão (Lazaristas), outra feminina (Filhas da Caridade), trabalham juntas, na humildade e o respeito mútuo.

Uma busca ansiosa do sentido da vida?

Mulheres testemunhas do Evangelho consagram-se a Deus para o serviço dos pobres.

Uma nova atração para a espiritualidade?

A oração, para as Filhas da Caridade, é a fonte da ação.

Um individualismo exacerbado?

As Filhas da Caridade vivem em comunidade fraterna.

Um diálogo entre a sociedade civil e a Igreja?

A sua caridade é exercida em parceria com outras instituições e os outros atores da solidariedade.

Um laicato responsável na Igreja?

As Filhas da Caridade trabalham em colaboração com os leigos.

Como a sua fundadora, modelo de amor aos pobres, modelo de criatividade e de tenacidade, as Irmãs, sedentas de fidelidade e unidade, buscam viver as três virtudes recomendadas pelo Padre Vicente: humildade, simplicidade, caridade, na escola de Maria serva.

Assim, Luísa soube conduzir sua comunidade por um novo caminho, propondo-lhe uma vida totalmente consagrada a Deus para o serviço dos pobres.

Um caminho sempre novo porque é o caminho do Coração de Deus...

Chantal CREPEY
Membro da Equipe da Capela

HISTÓRIA DAS RELÍQUIAS DE SANTA LUÍSA

Desde 1641, Luísa e as suas Filhas estavam instaladas em Paris, perto do Priorado de São Lázaro, rua Faubourg Saint-Denis, na paróquia Saint Laurent. Seus prédios tinham um oratório.

Após a morte da fundadora (1660), construíram em 1679 uma capela, no primeiro andar de um novo prédio. Depois, em 1716, foi colocada a pedra fundamental de uma verdadeira capela, no meio do pátio. Em 1755, o corpo de Luísa de Marillac foi transferido para lá.

A Revolução expulsou as Irmãs em 1792, confiscou a sua casa e demoliu sua capela em 1797.

Terminada a Revolução, as Irmãs começam a agrupar-se. Em 1800, o Ministro do Interior, M. Chaptal concede-lhes o estabelecimento das Irmãs da Misericórdia, refugiadas na Bélgica, rua do Vieux Colombier no 6º distrito de Paris.

Em 1813, um decreto imperial propicia às Filhas da Caridade a utilização do Hotel de Châtillon, 140, rua du Bac. Trabalhos importantes são efetuados lá.

Em 1815, as Irmãs tomam posse da sua nova Casa Mãe. A 6 de agosto, na festa Transfiguração, há a bênção solene da capela dedicada ao Coração de Jesus.

Depois, em de julho de 1815, o corpo de Luísa foi depositado na sacristia, abaixo da capela. É transferido para a capela em 1824, no vão central da entrada, onde atualmente se encontra um ladrilho de mármore comemorativo.

Quanto às relíquias de São Vicente depositadas sob um altar lateral na Capela, são transferidas à capela dos Lazaristas (95, rua de Sèvres) a 25 de Abril de 1830. Catarina Labouré, então noviça das Filhas da Caridade, tem a alegria de participar dessa procissão solene.

Em 1920, ano de sua beatificação, os restos de Luísa são colocados sob o altar que lhe era reservado, à esquerda do Altar Mor.

Em 1934, ano de sua canonização, as relíquias de Luísa são colocadas num magnífico relicário de bronze dourado, do atelier Brunet, e apresentadas desta vez sobre o altar para a veneração dos fiéis.

Arquivos... papéis velhos?

Irmã Claire Herrmann
Responsável pelos Arquivos da Casa Mãe

Por que falar dos arquivos, hoje? Esta imagem de “velhos papéis” tem algo a nos dizer na época do TGV e do avião? Falar de arquivos é verdadeiramente uma questão de papéis velhos? Não seria mais oportuno fazer referência a uma outra imagem que englobasse todos os bens culturais, reunindo nosso patrimônio cultural e espiritual desde os Fundadores? Em outras palavras, o lugar teológico e a fonte espiritual de nossa vocação.

“Traz-me... os livros, especialmente os pergaminhos...” tal foi o apelo de Paulo a Timóteo, no fim de sua vida, a fim de que a mensagem de Cristo fosse proclamada e chegasse aos ouvidos de todos os pagãos (2. Tim, 4). Estes livros, estes pergaminhos eram sua memória para continuar fielmente o ensinamento de Cristo.

E hoje, onde estamos?

Três circulares da Comissão Pontifical dos Bens culturais da Igreja nos confirmam no exercício deste ministério de "memória" que existe na Companhia desde as origens.

A primeira data de 19 de março de 1994. Tem por objeto a biblioteca eclesial na missão da Igreja. Compromete-se a conservar nas suas bibliotecas tudo o que com efeito, é hoje, mais do que nunca de interesse vital para o desenvolvimento da cultura. Fazendo-se eco da voz do Soberano Pontífice, a

circular dirige-se diretamente aos Ordinários das dioceses e aos Superiores Gerais das Congregações religiosas a fim de partilhar a atenção e a preocupação sobre o destino de todas as bibliotecas antigas e recentes.

A Comissão Pontifical sublinha a oportunidade de ativar este renascimento de interesse e de compromisso, favorecendo a especialização de pessoas para assumir o cargo.

O Santo Padre considera como "um sinal dos tempos" o renascimento universal do interesse pelos bens culturais; a Igreja "especialista em cultura" deve acolher este apelo.

O segundo documento de 10 de Abril de 1994 dirige-se diretamente às Superiores Gerais e aos Superiores Gerais para lembrar que os Bens culturais são testemunhos privilegiados de toda esta atividade católica e espiritual e convoca imediatamente cada família religiosa a responder ao apelo do Santo Padre, para tomar consciência da importância e da necessidade do património artístico e histórico da Igreja, a fim de conservá-lo, valorizá-lo, ou constituí-lo ainda para o nosso tempo e para o futuro, de acordo com a fisionomia específica. O material revela-se diferente, mas cada material deve ser inventariado, reunido, classificado e acessível a todos aqueles que aprofundam as investigações de arquivos.

O terceiro documento é mais recente: 2 de fevereiro de 1997 e se intitula "a função pastoral dos arquivos eclesiais" sua publicação é mais ampla: dirigido a todos os presidentes das conferências episcopais, o documento é publicado na rubrica dos Atos da Santa Sé da documentação Católica. Contém um verdadeiro programa para hoje, recordando ao mesmo tempo certos princípios: um lugar de memória, a fonte do desenvolvimento, etc.... A circular quer, sobretudo, suscitar um renovado interesse para os arquivos por terem uma função pastoral. Este **bem vivo** é destinado a chamar a atenção do Povo de Deus sobre sua história, que é também a nossa história. É recomendado tomar as seguintes medidas:

- Reafirmar o respeito que a Igreja sempre experimentou em relação à cultura.
- Estar convencido do significado profundamente pastoral do cuidado e a valorização dos arquivos.
- Conservar nos arquivos os atos comuns e tudo o que pode concorrer para indicar a vida concreta da comunidade.

- Incentivar a redação de crônicas dos acontecimentos que marquem a comunidade
- Ter grande cuidado com a conservação da documentação que se refere às tradições religiosas em via de desaparecimento.

O redator do documento sabe que a memória é frágil. *"A conservação é um dever de justiça que devemos oferecer hoje àqueles dos quais somos herdeiros. Uma falta de interesse seria uma ofensa à memória dos mais velhos"*.

Após este longo preâmbulo, necessário para compreender suficientemente o funcionamento dos Arquivos da Companhia, por que se referir a textos quando os arquivos já são uma realidade? Há uma explicação: a Igreja propõe-nos uma releitura. Os arquivos da Companhia não representam somente escritos, os escritos dos inícios e os seguintes, eles abrangem as lembranças materializadas: quadros, estátuas, objetos preciosos. Para nós, a mais importante destas lembranças é a capela com os relicários, as memórias dos mártires, a lembrança da visita de Maria e a sua história através dos séculos concretizada na sala das Lembranças.

Uma outra observação importante acrescentar-se-ia às explicações precedentes: a história da Companhia é escrita todos os dias; os escritos de hoje serão os arquivos de amanhã. Por conseguinte, não percamos nada desta preciosa história que realiza o plano do Deus de Amor sobre a humanidade. Mère Julienne Jouvin dizia às Irmãs: "somos filhas de nossos santos Fundadores, não degeneremos nossas origens".

Irmã Claire HERRMANN
Filha da Caridade